



Homilia do Pe. Alexander Menningen em 15 de setembro de 1969
Santa Missa do primeiro ano de falecimento do Pe. José Kentenich
Schoenstatt, Igreja da Adoração

Completou-se o tempo em que, há um ano, o Pai foi chamado ao Schoenstatt celestial. Em uma pausa de silêncio e recolhimento, recordemos esse abençoado acontecimento.

Querida Família de Schoenstatt,

No curso ordinário das coisas, os acontecimentos da história tendem a ser entregues ao passado e, às vezes, esquecidos.

Algo muito distinto se dá agora, neste acontecimento. Não foi entregue ao passado nem ao esquecimento, mas a um presente permanente. A presença permanente deste acontecimento pode ser compreendida somente à luz da fé. O dogma da comunhão dos santos nos oferece uma ajuda a esse respeito. Em virtude da comunhão dos santos existe uma unidade vital permanente entre os bem-aventurados do céu e o povo de Deus peregrino. Uma unidade vital é uma unidade de pensamento, uma unidade na ação. A vida é sempre presente. Também esta unidade vital está presente no tempo.

Aplicado ao nosso caso, poderíamos dizer: a cabeça da Família de Schoenstatt, para todos os tempos, está presente na Família de Schoenstatt em um atuar permanente, em uma comunhão vital permanente. Por isso, o acontecimento desta hora é um presente que jamais termina.

Duas frases do Pai nos oferecem orientação para penetrar ainda mais no mistério desta hora, sempre iluminados pela luz da fé.

Uma frase é do chamado 'Terciado do Chile', de 1951:

“Atuei em representação não somente da geração presente, mas de todas as gerações vindouras”

Assim ele se converteu naquele que atua na representação da Família de Schoenstatt para todos os tempos. Esse fato foi manifestado pela primeira vez e, sobretudo, no dia 18 de outubro de 1914. Ele selou a Aliança de Amor não somente por si próprio, mas em nome, no lugar de toda a Família de Schoenstatt, de todas as gerações vindouras.

Sobre o acontecimento de agora, podemos dizer, acaso, do mesmo modo? Que o Pai e Fundador, em seu falecimento, atuou igualmente em representação, como naquele 18 de outubro de 1914? Podemos dizer, posto que sua decisão última – e, provavelmente, a decisão mais importante – tendo iniciado na hora de sua morte, mas estando, todavia, em vida, foi receber o maior dom de salvação de Deus, a glória eterna. No auge de sua existência, a Aliança de Amor chegou assim a um cume incomparável.

O que aconteceu em 1914 se aperfeiçoou em 1968. Se ele agiu nos representando em um caso, então, também no outro caso, seguramente, nos representou. O acontecimento [o falecimento do Pai] nos envolve, então, a todos. Assim como uma vez em nossa vida selamos a

Aliança de Amor porque antes já a havíamos selado nele, assim também todos temos parte nesta hora [de sua morte].

A segunda frase de nosso Pai torna esse mistério ainda mais claro. Tantas vezes ouvimos de sua boca:

“Jamais me vejam separado da Família. Devem considerar-me sempre unido com a Família”

Quando ele atuava, a Família atuava com ele, e a Família não queria agir se não fosse realizar uma ação do Pai. Ele está, então, entre nós, de tal modo como explicou com palavras que esclarecem a frase anterior:

“O Pai e os filhos foram introduzidos em uma misteriosa união, solidariedade e responsabilidade mútuas espirituais”.

Essa realidade se aplica também ao acontecimento de 15 de setembro de 1968? Uma vez mais devemos reconhecer: naquele momento também estava presente essa união, solidariedade e responsabilidade mútuas espirituais. Coloquemo-nos nessa situação e devemos dizer: o Pai não estava só, toda a Família de Schoenstatt estava em seu coração.

As Irmãs o rodeavam naquele momento, representadas pela Província Providência, as portadoras do Jardim de Maria. Mas é preciso estender essa representação à Família de Schoenstatt internacional. Este acontecimento foi realizado, vivido por toda a Família de Schoenstatt no coração do Pai.

E agora pensemos no paralelo com a Aliança de Amor.

Quando ele selou a Aliança de Amor, nós a “pré-realizamos” com ele. Mais tarde, quando a selamos realmente, nossa Aliança de Amor foi só um “pós-selá-la”. O “pré-selar” e o “pós-selar” se transformaram, segundo o plano divino, em um selar a Aliança junto com o Pai.

Esse feito se aplica ao último acontecimento da peregrinação terrena de nosso Pai? Sim, como acabamos de dizer, a Aliança de Amor alcançou ali seu ápice, então podemos aplicar os mesmos elementos.

A última hora chegará para todos nós, na qual seremos chamados ao Schoenstatt celestial. Quando chegar essa hora, será então uma “pós-realização” do que aconteceu em 15 de setembro de 1968. E se há uma “pós-realização”, então tem que existir antes uma “pré-realização”. E foi dado que todos nós, toda a Família de Schoenstatt de todas as gerações vindouras, estivemos unidos a ele no momento de seu falecimento em uma união, solidariedade e responsabilidade mútuas misteriosas. Nossa última hora está já hoje unida com este acontecimento, porque a “pré-realização” e a “pós-realização” se transformam em uma “co-realização”. Hoje queremos realizar, sobretudo, isso, a “co-realização”. Como ela é concretamente?

Permanecer no coração do Pai e Fundador, superar assim – no coração do Pai e Fundador – a última hora de nossa existência, assim como a celebrou ele em seu regresso glorioso ao lar.

Mas, em nosso coração, surge a pergunta inquietante: Podemos supor tal grau de unidade, considerando que ele, o santo, chegou a um nível tão alto de perfeição, enquanto que nós o seguimos com tanta distância?

A pergunta é: Se a semelhança une, a desigualdade não pode nos separar? E somos desiguais.

Sim, esta desigualdade pode ser para nós, débeis peregrinos terrenos, uma separação passageira no caso de reparar no purgatório a culpa que nos resta. Então haveria não só um elevado grau de desigualdade, mas também uma separação passageira. E, por isso, nós recuamos ao afirmar a comunhão plena na hora da morte.

Terá o Pai previsto nossa preocupação?

Não seria, por isso, que nos deu o lema *“Cor Unum in Patre”* sempre e em toda situação? Não teria anunciado exatamente por isso a nova imagem do Pai, porque queria indicar o rumo para o Pai de misericórdia?

Para responder essa pergunta com uma resposta bem pensada, não nos baseemos em um sonho, mas na Teologia concreta. O Concílio Vaticano II nos ensina sobre a interação entre os bem-aventurados e os crentes que ainda peregrinam. Escutemos:

“Recebidos na pátria celeste e vivendo junto do Senhor, não cessam de interceder, por Ele, com Ele e n'Ele, a nosso favor diante do Pai, apresentando os méritos que na terra alcançaram, graças ao mediador único entre Deus e os homens, Jesus Cristo, servindo ao Senhor em todas as coisas e completando o que falta aos sofrimentos de Cristo, em favor do Seu corpo que é a Igreja. A nossa fraqueza é assim grandemente ajudada pela sua solícitude de irmãos” (Lumen gentium, 49).

É chamativa a expressão, neste trecho da doutrina da Igreja, que os santos intercedem por nós oferecendo seus méritos ao Pai. É um pensamento que chegou com Santo Agostinho, foi logo fundamentado por São Tomás e agora aparece detalhadamente no ensinamento da Igreja. Os santos se encontram ante Deus para continuar atuando nesta terra, mediante sua intercessão. E o Concílio diz que essa intercessão consiste em levar ao Pai os méritos alcançados aqui na terra.

Olhemos agora os méritos de nosso Pai e Fundador.

Podemos enumerar muitos:

- Em sua vida terrena consumiu toda a força de trabalho desde a manhã até a noite;
- Presenteou seu amor paternal, quase ilimitado, aos filhos de Schoenstatt e esse amor valia tanto para cada um pessoalmente como para a grande Família no mundo inteiro;
- Esse amor paternal pelos filhos da Família o consumiu verdadeiramente.

Conta-se, entre seus méritos, que ele, iluminado pelo espírito de Deus, fez resplandecer as glórias da Mãe de Deus anunciando-as incansavelmente. E, com a Aliança de Amor, nos ensinou os planos de Deus, uma atividade que cumulou toda sua vida, de tal modo que se converteu no homem de uma única ideia.

Méritos em relação ao seu serviço à Igreja, lutando pela nova imagem da Igreja – e que assim fez gravar em sua tumba as palavras *“Dilexit ecclesiam”*. Seu coração pulsou pela Igreja.

E, finalmente, o grande mérito de ter carregado a pesada cruz, durante muitos anos, sendo enviado a Dachau e ao Exílio. Uma cruz pesada! Não porque se aplicara a ele, mas porque assim lhe foi imposto uma separação física passageira da Família.

Em um dia nublado de janeiro de 1952, em Zurique, se despediu de nós e nos disse que lhe causava dor ser enviado ao exílio, uma dor profunda no coração por deixar a Família só. Se reunirmos tudo o que cumulou a vida do Pai e Fundador, então teremos uma ideia do que pode significar o mérito, à luz da fé e segundo o ensinamento da Igreja.

Ele está, então, ante Deus Trino, nos ajuda com sua intercessão. Levando ao Pai seus méritos – nas palavras do Concílio – implora para nós a misericórdia e a ajuda de Deus. E a última frase do texto conciliar poderia ser adaptada assim, sem alterar o seu sentido: mediante sua preocupação paternal, contribui para remediar a debilidade de seus filhos.

Agora, retornemos ao pensamento: Podemos esperar que no último momento se produza a comunhão de nossa morte com a sua morte, uma comunhão plena, completa, uma comunhão que não se interromperá por um tempo de separação que possa nos ser imposto no purgatório? Podemos confiar nisso?

Se olhamos a nós mesmos, nosso coração começa a vacilar. Mas nosso olhar se eleva até ele, que apresenta seus méritos. E, segundo o ensinamento dos teólogos, os méritos têm um valor reparador. Os méritos dos santos, apresentados a Deus, podem apagar as penas por nossos pecados de modo que estejamos em uma situação de alma que se assemelhe à situação de alma que teve nosso Pai e Fundador no momento de sua morte. Um estado de alma em virtude do qual ingressou imediatamente na glória.

O que o Pai faz hoje?

Olha a seus filhos que peregrinam. Não lhe passa nada. Já durante a vida terrena soube muito bem de nossas debilidades e hoje as conhece muito mais. Mas, justamente por isso, o amor paternal se move em seu coração. E toma sua vida terrena – a que chamamos uma vida de méritos – e a apresenta a Deus, para que o Deus todo poderoso faça fluir palavras de reparação em nossa alma. E, por essa reparação, pela força reparadora de seu amor, de seus méritos, somos elevados à mais íntima comunhão de corações, de modo a alcançar a situação de sua alma, e não por própria virtude, mas por seu amor paternal, sua reparação em nós.

É uma situação de alma que nos presenteia, o Pai presenteia a seus filhos essa situação de alma, e não por própria virtude, não somos nós que a adquirimos. Não podemos pôr em nós uma faísca de confiança. Mas cremos e fazemos a experiência: o Pai entrega o coração pelos seus, toda a vida e a força reparadora de sua vida terrena. Essa força reparadora faz fluir na Família de Schoenstatt a decisão divina para que o Pai e os filhos sejam acolhidos em uma solidariedade, responsabilidade e unidade mútuas espirituais, sobretudo quando chegar nossa última hora.

Nisto está enraizado um pensamento consolador, porque recebemos uma relação totalmente nova frente à morte, ao morrer. Não morremos sós. A solidão é, muitas vezes, a pena mais dura para os moribundos. Não morremos sós, assim como tampouco o Pai morreu só. Sua morte e nossa morte é a morte de Jesus Cristo.

Quando começa nosso último instante, ele repete, por assim dizer, sua morte em nós e sua morte se faz nossa morte. E desde já nossa morte se converte em sua morte, no acontecimento deste dia. A “pré-realização” e a “pós-realização” se convertem em “co-realização”. É por isso que não estamos sós.

O Pai está conosco, o Pai vive conosco, como nós vivemos com ele. A unidade vital dos peregrinos com os bem-aventurados do céu se converte em uma experiência de fé, porque a doutrina de fé quer e deve chegar a ser experiência de fé.

Assim estamos hoje ante o mistério da morte. Quando chegará nossa última hora, não o sabemos e não podemos imaginar o local que nos chegará o chamado de Deus. Onde será e quando será: a hora se desenvolverá assim como o estamos celebrando aqui.

Já podemos praticar o exercício da morte nos trasladando para a capela do fundador e nos introduzindo no momento de sua morte. Um viver com antecipação aquilo que nos chegará um dia. Pode já acontecer agora. Provavelmente já rezamos a oração de Preparação para a morte do Rumo ao Céu, unido ao lugar e ao acontecimento do dia de hoje. Ele não morreu sozinho, nós, tampouco, morreremos sós.

Isso nos faz recordar a estrofe de um canto conhecido da Igreja:

“No dia que devo separar-me, não te separe de mim. Quando devo padecer a morte, morre Tu em mim. E quando tiver o sentimento mais terrível, arranca-me das angústias graças aos padecimentos de sua cruz”.

Podemos aplicar textualmente essa estrofe de Cristo Jesus a alguém que alcançou uma grande semelhança com ele. E assim dizemos ao nosso Pai:

“E quando devo padecer a morte, morre tu em mim. E quando tiver o sentimento mais terrível, arranca-me das angústias graças aos padecimentos de sua cruz”.

Essas palavras se cumprem em nós em plenitude. Por isso ganhamos essa relação totalmente nova na última hora de nossa vida, é um presente do Pai. Nos momentos mais terríveis, talvez nos ataquem as angústias. Mas ele nos arrancará delas e nos acolherá em seu coração. Então nosso coração não morrerá na angústia, mas no pressentimento seguro de que pulsa no coração do Pai, na bem-aventurança celestial. Então valerá mais do que nunca a ideia de que os corações dos filhos estão acolhidos no coração do Pai.

Provavelmente o Pai nos dirige nesta hora umas palavras de alento, ou um lema. Qual poderia ser? Estando ele diante de decisões importantes de sua vida, perguntou à Família de Schoenstatt sempre: *Vais comigo?* E a Família de Schoenstatt lhe respondeu sempre: Sim, vamos contigo. Vamos todos contigo. Vamos sempre contigo.

Hoje nos pergunta o mesmo: Família de Schoenstatt, vais comigo nesta última hora? Participas na morte que nos traz, ao mesmo tempo, o ápice da Aliança de Amor? Participas na “pré-realização” hoje, na “pós-realização” quando chegar a hora?

E respondemos ao nosso Pai: Sim, Pai, vamos contigo! Vamos todos contigo, vamos sempre contigo, porque teu caminho é o caminho de retorno ao Pai. Amém.

Nos cum prole pia, benedicat Virgo Maria!